



Gaiato

11 DE MARÇO DE 1967
ANO XXIV — N.º 600 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VIA DO CORBEIRO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
APROBADO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

Aniversário DO JORNAL

«O Gaiato» entra com este número no seu 24.º ano de vida.

O que ele tem feito! Quantos corações não tem aberto, à imitação do Mestre, que deixou rasgar o Seu para que nem uma gota de sangue ficasse por derramar! Luz que tem acendido em tantas inteligências entenebrecidas pela névoa da vulgaridade!

«O Gaiato» não é apenas uma expressão da «Obra da Rua». Ele é parte integrante da «Obra da Rua», de tal modo que jámais ela teria sido, sem ele, o que é: Grito de Justiça, proclamação da Verdade, gesto da Fortaleza, apelo à Temperança, testemunho do Amor, acto da Prudência (que tem algo de comum com a «inconveniência» dos Profetas e nada com a prudência do século).

Tendo a Verdade por ânsia, a Caridade por motor, as virtudes cardeais são os gonzos em que gira; e a Fé e a Esperança estabilizam-no na certeza de Presença de Deus entre os homens, na firmeza da Sua Mão estendida para eles.

Porque «O Gaiato» é assim um acto teologal é que Pai Américo nos mandou: «Aquele a quem Nosso Senhor deu o talento de escrever, escreva como quem reza. Prepare-se como quem vai falar de Deus. Só desta forma corresponde e faz valer o dom».

E os «padres da rua» têm procurado obedecer. No entanto, foi este o peso da herança que sempre tememos mais. Para Pai Américo escrever era como respirar. Para nós é quase sempre um esforço violento. E eu creio que é por isso mesmo que «O Gaiato» continua sendo o que era — não pelo talento dos que o fazem, mas pelo sacrifício devotamente aceite, que é sempre fecundo e que só ele pode explicar o êxito e a eficácia sobrenatural do que escrevemos.

Já agora não resisto em dar ao conhecimento de todos outras recomendações de Pai Américo que, nas «Normas de Vida dos Padres da Rua», se entrelaçam com as regras que ele nos traçou a respeito das outras actividades apostólicas:

— «No seu periódico «O Gaiato» e em outras edições os direitos e levem os homens a reconhecer e a respeitar o Pobre».

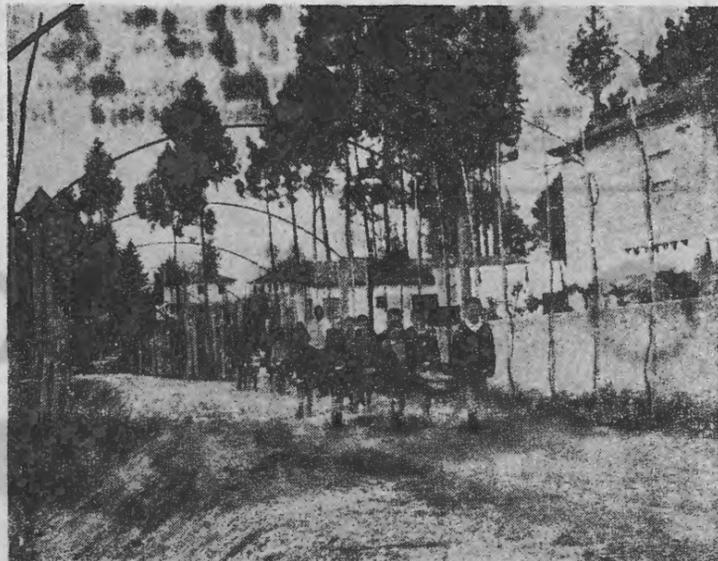
— «No seu periódico «O Gaiato» e em outras edições não peçam nem aceitem propostas de anúncios sobre assuntos do século. Todo o espaço e todo o tempo é pouco para revelar Cristo às almas».

— «Também não aceitem colaboração de estranhos, ainda que homens de saber e de virtude. Dê-se, sim, preferência ao Rapaz, que, por isso, se educa e se revela, fazendo bem às almas dos que lerem».

— «Não sejam solícitos em pôr a preço os jornais ou edições que saem dos nossos prelos. É melhor deixar tudo à generosidade espontânea de cada um».

A fidelidade a esta linha de rumo tem mantido na vida, em vida crescente, graças a Deus, o nosso Famoso. Que o Senhor nos ajude pelo tempo em fora, a nós e aos que vierem depois de nós, a guardá-la. E «O Gaiato», sem perder o seu jeito de «como quem brinca», irá dizendo e operan-

Continua na QUARTA pág.



«O Gaiato» é parte integrante da «Obra da Rua». O trabalho em nossas casas também.

FESTAS

O primeiro Coliseu, repleto de corações amigos, já foi quando tu leres. Para mim, que ando sempre quinze dias adiante, o primeiro Coliseu ainda vai ser. Em Paço de Sousa fervet opus. Por muito que as coisas estejam previstas; por muito cedo que se comece a prepará-las — há sempre uma última hora cheia de imprevistos; cheia de remates a fazer. Este ano calhou-me mirar cá de longe todo este bulício. Mas sinto-o e estou com todos os que têm sobre si a grande responsabilidade.

Estou a escrever antes, pois. E podia, sem grande risco, escrever já como se fôra depois, quando tu leres. É que o primeiro Coliseu, embora sofra sempre de ser a estreia, com o seu natural nervosismo e precipitações difíceis de eliminar, conta com aquele público há muito conquistado, que não espera senão ver-nos, que se congratula em nos ver e nos acha sempre bem — como a coruja encontra beleza nos seus filhos.

O público da nossa primeira Festa, não é alguém que se defronta; é um apoio que nos ajuda no esforço de conquistarmos outros públicos que nos conhecem menos e não nos amam tanto. Graças a Deus, esta conquista vai sendo uma realidade: Plateias a princípio um bocadinho frias, são

Continua na QUARTA pág.

TRIBUNA de Coimbra

Nos últimos tempos, enquanto a vida da lavoura dorme, tenho feito mais poiso nas oficinas, especialmente na Carpintaria e Serralharia. Estão ali vinte rapazes a desabrochar e é necessário que o ambiente lhes seja propício.

As minhas horas voam suavemente neste encanto de ver os rapazes agarrados aos seus trabalhos. Trabalhos diversos e curiosos que os habilitam e não-deprender à vida.

Há momentos estive na Car-

pintaria. O mestre, que já cá trabalha há vinte e tantos anos e tem sido um bom auxiliar, estava na casa das máquinas a aparelhar madeiras. Estivemos a combinar a mobília para o Pascoal, cujo casamento se realizará logo a seguir à Páscoa. Caracol estava a colar almofadas para portas exteriores. Flávio fazia fogueira ao grude. Zé António armava uma estante. Zé Bolas engradava umas portas de sacada. Bandarra rodeava rodas de carros de bois. Risonho afagava janelas de

caixilhos. Pastor andava a ajudar o pintor. Grilito foi há dias para a tropa e aproveita todos os fins de semana para dar uma dianteira aos serviços mais atrasados. Eis uma oficina em pleno labor a valorizar o material humano que a sociedade tinha como pesadelo.

Estou a escrever num recanto da Serralharia. Zé Claro, o mais velho e mais responsável, que anda num sino com o seu primeiro filho — o Francisco José que foi baptizado no domingo passado — está de volta duma maroma. Maroma é um engenho de amassar barro, visto que o barro é o forte da Indústria desta região. Tónio, com grande vocação para mecânico, anda a reparar um motor. Lisboa faz rede de arame com máquina e bancada própria. Alberto está à forja

Continua na QUARTA pág.

Colaboração

Aí vai a Colaboração dos Leitores! Depoimentos salutaros. Cânticos de acção de graças. Desabaços. Almas que vibram. Outras que choram. É um compartilhar de Vida! Uma presença indispensável — porque de todos os dias — já que a hora do correio é a mais cheia de todas as horas e isto desde que o «Famoso» saiu prá rua, há vinte e três anos.

Quiséramos não deixar uma só presença das mais succulentas, fora da tribuna. E ficamos triste por serem tantas! Sabíamos, ao menos, aproveitar — dando graças a Deus — o Bem que todas e cada uma encerra. Já fazemos muito! E compartilhamos.

EVANGELHO VIVIDO

«Continuo a sentir no vosso jornal o Evangelho vivido e leio-o sempre com toda a atenção.

Que inspiração divina mereceu a nosso saudoso Padre Américo!...

Deus acompanhe os seus continuadores para a Obra ser sempre baseada nos seus bons princípios.

ENQUANTO FUI «CALOTEIRO»...

«Pois bem, rapazes: Enquanto fui «caloteiro», recebi sempre o jornal com toda a pontualidade! Agora que passei ao grupo dos assinantes sérios — nunca mais cá chegou «O Gaiato»!!!

Que se passa?!

Emendai o zinco da máquina de endereçar e tceca a mandar o jornal ao assinante 4224 que durante muitos anos (25) viveu na Rua do Rosário e sentava à sua mesa o «Elvas», o Oscar, o «Cête», quando se iniciou a venda do «Famoso», no Porto.

Eu é que sugeri ao Santo Padre Américo que fossem os Amigos da Obra a oferecerem o almoço aos improvisados «Arduinas», para não gastarem dinheiro».

UM INVÁLIDO

«Envio a quantia de 30\$00 para o jornal que me é distribuído anualmente pois que já sou assinante há alguns anos e enquanto puder hei-de continuar de qualquer maneira. Não posso alargar-me muito. Não trabalho e só tenho 15\$00 por dia mas sempre hei-de durante o ano amealhar para a assinatura. Não é o que me faz falta, graças a Deus».

ESPIRITO EVANGÉLICO, REVOLUCIONÁRIO E JUSTICEIRO.

«Espero poder dentro de alguns meses ir mandando algumas quantias para pagar quase 2 anos de assinatura do «Gaiato» o mais «Famoso» dos Famosos. Admiro-o pelo seu espírito evangélico, revolucionário e justiceiro. Ao lê-lo muitas vezes choro de alegria pelo amor de Deus expresso nas dádivas dos Amigos da Obra da Rua e de tristeza por muitas vezes não saber dar tão devotadamente como algumas pessoas dão. Também muitas vezes choro por ver quão devasso e perdido anda este pobre mundo e não fôra a grande misericórdia de Deus, já teríamos sido condenados, há muito, ao abismo».

ACÇÃO BENÉFICA E SALUTAR

«A doutrina de que vem recheado o mais pequeno (em tamanho) jornal que conheço não tem preço e a acção que exerce nas nossas almas é benéfica e salutar, o que não acontece com os maiores periódicos do mundo».

AMIGO E MESTRE

«Há muito que não tenho o gosto e o prazer de receber «O Gaiato» e todavia paguei a minha assinatura em Janeiro, quero dizer no princípio do ano.

Não podemos dispensar o nosso amigo e mestre — «O Gaiato», que tanto nos conforta e ensina.

É favor mandá-lo com urgência e os que não têm vindo».

O MEU GRANDE APREÇO

«Não quero deixar de lhes manifestar o meu grande apreço pelas desassombradas posições que têm tomado em defesa dos pequeninos, dos pobres, dos desprotegidos, dos injustamente tratados. Acabemos com a tão pouco cristã opulência, revista-se ela da aparência com que se revestir».

«O GAIATO» É SEMPRE O MEU DESPERTADOR

«Só ontem dei com o velho sobrescrito contendo duas notas de quinhentos!!!

Com franqueza!!! Preferiu tirar-me o mérito sobrenatural da humilhação a que me sujeitei! Que tudo seja para louvor de Deus. Foi sentado na areia da praia da Torreira que li e sa-

boreei, mas saboreei mesmo, as «Normas de vida dos Padres da Rua».

Aquele capítulo sobre o «espírito» teve maravilha de espírito e de redacção!

De vez em quando examinarei a consciência sobre o art.º 42 e farei tudo para ser da Família em sentido mais «restrito».

«O Gaiato» é sempre o meu despertador. Conte comigo».

O FAMOSO

LÁGRIMAS SEM OBRAS...

«Sempre que leio «O Gaiato» sinto-me vexada com tanta miséria. Vexada e envergonhada e pasmada. As lágrimas vêm-se sempre aos olhos; mas como bem li no «Gaiato» de que valem as lágrimas se nada de prático fizermos por essas crianças e velhinhos, doentes e abandonados?

O nosso jornal é uma lição, uma lição para nós que estamos bem e que por vezes nos limitamos a chorar com pena. Que Deus nos perdoe essas lágrimas sem obras. Quero prometer não só chorar, mas sim agir. Sempre que pudermos lá iremos ao Banco depositar umas migalhas para vós».

porárimos estamos em Lisboa. Peço-vos que peçaís muito a Deus nosso Senhor por ele.

Eu continuo a pedir-Lhe sempre com muita esperança de vir a ser ouvida.

Sem qualquer imposição dos pais o nosso filho assistia a retiros, fez todos os anos a sua comunhão e chegou por algum tempo a comungar diariamente e também por sua livre vontade quiz, no Curso de Comandante de Castelo que na M. P. frequentou, ter as insígnias de aptidão litúrgica.

E agora, saiba que o nosso filho nem à Santa Missa vai!

Queixo-me de filosofias e más companhias que desconhecemos. Mas não sei nada. Por favor não esqueçais nas vossas orações».

DE PROTECTORES A PROTEGIDOS

«Meus votos sinceros de paz e felicidades na paz do Senhor.

Remeti para vós um vale de correio de 50\$00 para ajudar a pagar a minha assinatura do «Famoso». Não é nada para o bem que a Verdade que vós me mandais mas foi o que o meu egoísmo permitiu. É este egoísmo que muitas vezes ou sempre me faz recear pelo futuro e me leva a esquecer a Providência Divina, pensando que a posso substituir com um pequeno pé de meia. Nem vós calculais quanto bem me faz a vossa completa confiança em Deus... Só ela não me deixa ser um completo egoísta e me faz ver no Pobre

A CRUZ DE UM CASAL

«Bastante atrasada, pois devia em Janeiro ter feito o que faço hoje: Mandar-vos um vale de 100\$ para pagar a minha assinatura do nosso grande jornal «O Gaiato».

Costumo mandar esse pouco mais, para que sirva para comprar um remédio ou um agasalho para um ou uma doente dos inúmeros mártires desse sublime Calvário. Peço-vos o grande favor de nas vossas orações não esquecerdes o nosso filho, para que ele volte à sua antiga obediência a Cristo e aos Pais.

Começou o seu curso superior. Tem 19 anos e por isso nós tem-



dos Leitores

FUI UM GRANDE DESCUIDADO!

«Sou o assinante n.º 28324 do «Gaiato», que vem, confundido, entregar pela primeira vez, alguma coisa pela recepção do jornal.

Abusei um pouco da vossa bondade, pois apesar do meu longo «silêncio», o «Gaiato» nunca deixou de vir até mim.

Fui um grande descuidado!

Apesar de tanto bem que o «Famoso» me fez ao longo da minha vida de seminarista, não soube corresponder como devia. Do facto, peço mil desculpas.

Hoje, pela graça de Deus, sou Sacerdote, e o «Gaiato» tem vindo até mim, (apesar de ir primeiro ao Seminário) e quero que continue a vir não só para me ajudar, pessoalmente a mim como também a mais alguém.

Há, na paróquia em que me encontro, um Salão Paroquial, frequentado por rapazes, raparigas e pessoas adultas.

Quero que o «Famoso» exerça ali a sua influência.

Tenho a incumbência de dar umas aulas no novo Colégio diocesano e pouco mais. Estou também como Coadjutor de Paróquia, mas pouco trabalho tenho tido com isso.

Estou a tomar contacto e a conhecer o ambiente. As possibilidades e perspectiva de trabalho verdadeiramente missionário são vastíssimas e promissoras.

Havia já cá um padre, com um bela Igreja e casa paroquial, o Colégio em construção etc., mas de vida religiosa pouco ou nada, e esse pouco é quase exclusivamente directo ao pessoal europeu.

Quanto à minha impressão de África, digo só que ainda me parece um sonho. Se todos os padres, especialmente os que dizem Missionários, soubessem o que isto é e a possibilidade que há de trabalhar, ninguém quer ficar na Europa onde tudo é complicação e burocracia.

Já dei várias voltas, tanto de dia como de noite. É uma enorme viagem de camião até Milange que pertence já à Zambézia. Ali é o reino do «há, que mara-vilha»!

LIO-O TODO

«Há pouco tempo caí-me nas mãos um exemplar do vosso jornal «O Gaiato». Lio-

todo e o achei muito bom. Assim pediria o favor de me enviar regularmente. Mande-me se for possível, já o número do dia 19 de Novembro de 1966».

NÃO TENHO NENHUM...

«Se ainda houver livros por distribuir, fará o favor de me enviar dois. Não escolho deixo essa escolha ao vosso critério.

Não tenho nenhum e por isso qualquer deles me agradará.

Sei que, o que ofereço não é paga pois calculo o seu valor ser muito grande, mas eu logo que possa enviarei mais qualquer coisinha.

Eu recebi o postal-aviso, mas levou caminho e não sou capaz de o encontrar. (Naturalmente tão guardado está). Só agora peço os livros, por só agora poder fazer».

Obra da Rua

GUIA NA MINHA FÉ

«Conforme promessa feita a mim, junto envio esta pequena importância e que será destinada à necessidade mais oportuna.

Quisera ser capaz de traduzir bem o meu sentir acerca de tão admirável Obra. Por ela me oriento, e assim me serve de guia na minha fé, que por vezes sinto tão abalada.

Sabe, tenho dois filhos que são o mais forte esteio a prenderem-me à vida, porém sinto-me muito longe de alcançar a perfeição, e assim eles, que eu sempre encaminhei na palavra do Senhor, por vezes distanciam-se do Alvo, por mim ambicionado. Peço, pois, uma oração, em favor de meus filhos e de todos os jovens.

Uma mãe que pede pelos nossos jovens».

pelo que minha mulher me conta. E embora tivesse lido algo sobre a Obra e sua fundação, embora tivesse ouvido falar de Pai Américo, por muitas pessoas que melhor do que eu conheciam seus méritos, nunca julguei que uma só pessoa fosse capaz de realizar obra de tão grande vulto em tão pouco tempo. Só a presença de Deus pode justificar tão grandes feitos.

Eu também fui um gaiato da rua, não da Obra do Pai Américo mas desse mesmo escol de onde saíram e saem esses que acarinham e fazem homens também fui um escorraçado da polícia, uma vítima resultante dos erros de meus pais a quem não posso de forma alguma atribuir responsabilidades dada a sua ignorância no que se refere às coisas de Deus e aos deveres de sociedade: também fui uma vítima escorraçada pelo Padre a quem servi; a este perdoei porque embora padre o egoísmo é uma catarata que nunca deixa ver muito longe. Também fui um preso hoje regenerado porque embora com muita dificuldade consegui encontrar o caminho mais curto para chegar ao bem.

Desculpe pelo tempo furtado. Isto não é de forma alguma um que me alivia quando tenho oportunidade de a fazer. Coisas lamento, é antes uma confissão que só se dizem a quem as pode guardar porque as sabe guardar».

ESSES «EVANGELHOS» NÃO TÊM PREÇO

«Em postal-aviso, requisito o livro «Obra da Rua» e mais tarde requisitarei os restantes.

Tenho uma economia muito débil pois sou um modesto funcionário aposentado do Estado, por isso, só me é possível mandar agora 20\$00.

Eu sei que esses «Evangelhos» não têm preço, mas queria ficar tranquilo com a minha consciência pagando-os, pelo menos, pelo seu valor material, por isso vos peço o obséquio de me informar do seu preço real.

Eu desespero por me ver impotente para auxiliar melhor a «Obra» e também os Barredos ao vosso cuidado — pois existem tantos e tão poucos lhes assistem — e ainda mais desespero quando leio nos jornais: — 30 mil contos empresto, ou — Preciso de 20 mil contos — e eles, nada, e lá vão passando pelo fundo da agulha enquanto não prestam contas ao Eterno».

LANÇA EM ÁFRICA

«E a oração de sapiência do Seminário do Porto?

Parabéns pela lança em África. As vossas vitórias minhas são também. Um abraço para todos esses rapazes que trago sempre comigo e em especial na Santa Missa».

«Envio esta insignificante oferta com imensa pena de não ter o bolso tão grande como o coração. Pego ao Jesus dos «Meninos» uma grande bênção para os Gaiatos todos».

CONFISSÃO QUE ME ALIVIA

«Já conheço a Obra da Rua há cerca de 5 anos, mas simplesmente pelo que tenho lido no «Gaiato» de que sou assinante e

DAR A MÃO

«Recebi e muito agradeço o cheque de... para as casas do Património dos Pobres que se estão a construir nesta freguesia.

Para mim a melhor prova de que a Obra da Rua é Obra autenticamente de Deus é a colaboração que ela dá a quem trabalhar. O Património dos Pobres é obra que se pode considerar exclusiva da Obra da Rua e no entanto é admirável como ela procura dar a mão a quem quiser construir dentro do âmbito e do espírito do Património».

O BEM DELES...

«Não esqueço o retiro dos nossos rapazes. O bem deles é o progresso da Obra e o progresso desta, é a nossa alegria.

Vou recomendar a intenção aos meus».

SE TODOS SOUBESSEM...

«Destá vez posso dizer que já não tenho inveja de V.: era eu missionário e o Senhor é que vinha para África. Agora sou missionário e estou quase em África. Digo quase em África e creio ter razão, porque, de facto, isto nem parece África.

NÃO VOS ESQUEÇO

«Diante do Senhor não vos esqueço para que Ele vos continue a dar o Seu Entusiasmo de disponibilidade e de Coragem Cristã frente a todos os problemas desta Sociedade injusta e odiosa onde vós sois a presença do Senhor nos mais pobres e mais humildes.

E pedi vós também ao Senhor para que os Seus sacerdotes sejam desprendidos e pobres para levarem o Grande Padre a todos os que O esperam».

OS NOSSOS LIVROS

QUERIA MUITO APRENDER A SER VERDADEIRAMENTE POBRE

«Aqui estou eu a renovar o meu pedido dos 3 volumes «Pão dos Pobres», de que sinto também fome e necessidade, porque apesar de não ser rica e de viver sempre inquieta com as necessidades dos outros, queria muito aprender a ser verdadeiramente pobre à moda real do nosso Mestre e espero que ali conhecerei mais auxílio, conforme tenho já

colhido tanto, desde que travei convivência com a pequenina grande Obra que é «O Gaiato», fruto daquela alma grande e forte que o Senhor concedeu ao Seu inimitável e adorável discípulo Pai Américo de tão saudosa memória, e aos seus sucessores».

PARA O PAGAR TERIA DE FICAR ARRUINADO

«Agradeço a remessa dos quatro volumes da Obra de Pai Américo, que tenho lido por vezes com emoção que não posso descrever, e junto um vale de correio de 100\$00 para auxiliar as despesas do papel e impressão, já que o vosso trabalho não tem preço... Para o pagar teria de ficar arruinado.

Obrigado rapazes, e Deus vos ajude».



FESTAS

Cont. da PRIMEIRA página

hoje um eco caloroso aos bons desejos que lhes levamos:

Este ano vamos pela primeira vez a Famalicão, a Espinho e S. João da Madeira e Leiria. Talvez também a Santarém... Em todas estas terras houve quem manifestasse o gosto de nos ver lá. Contamos com pre-

senças amigas. Mas há que encher cada uma daquelas salas de corações que podem entrar de pé atrás, mas não de sair rendidos, não à arte perfeita do espectáculo, mas à formosura das almas dos actores, às vezes bem escondida debaixo de muita poeira, mas que é preciso separar e revelar.

Nós não vamos aos teatros

EM MARÇO

Teatro Ribeiro Conceição — LAMEGO

dia 13 — às 21.30 h.

Bilhetes à venda no Lar Operário, R. do Teatro, 16 e nas bilheteiras do Teatro.

Cine Teatro S. Martinho — Penafiel

dia 18 — às 21.30 h.

Bilhetes à venda na Empresa Alberto Pinto & Filhos, L.da e nas bilheteiras do Cine Teatro.

Teatro Jordão — Guimarães

dia 31 — às 21.30 h.

Bilhetes à venda no Teatro.

EM ABRIL

Teatro Luisa Tody — Setúbal

dia 5 — às 21.30 h.

Bilhetes à venda no Lar do Gaiato, Av. Luisa Tody, 38 Telef. 24620, e nas bilheteiras do Cine Teatro.

Monumental, de Lisboa

dia 6 — às 18.30 h.

Bilhetes à venda na Secretaria do Montepio Geral e Ourivesaria 13, R. da Palma, 13.

Coliseu do Porto

dia 9 — às 18.30 h.

Bilhetes à venda — dias úteis: Espelho da Moda, R. dos Clérigos, 54; todos os dias: bilheteiras do Coliseu do Porto.

Teatro Circo — Braga

dia 13 — às 21.30 h.

Bilhetes à venda no Teatro Circo.

Teatro S. Pedro — Espinho

dia 17 — às 21.30 h.

Bilhetes à venda no Teatro.

Cine Teatro Imperador — S. João da Madeira

dia 18 — às 21.30 h.

Bilhetes à venda no Cine Teatro.

Cine Teatro Famalicense — Famalicão

dia 19 — às 21.30 h.

Bilhetes à venda no Cine Teatro.



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

por dinheiro. Vamos em busca de mais amor, que há-de operar, infalivelmente, na alma dos que são alvo dele. Somos exigentes, pois, do nosso público. Por isso mesmo precisamos que os amigos de horas antigas nos ajudem a aumentar a roda com novos amigos.

X X X

Este ano tem havido umas dificuldadeszinhas por causa da sala.

Não vamos a Viseu por isso. Aos outros anos tem sido no Ginásio do Liceu, mas este é tão sobrecarregado, que só à última hora é possível o apresto das coisas necessárias ao espectáculo — o que torna a empresa muito difícil às belenitas. Temos pena. Viseu tem correspondido tão bem!

Daqui juntamos os nossos votos aos de muitos viseenses que anseiam pela hora de ver erguido na sua linda cidade um Teatro moderno e digno dela, como foram no seu tempo o «Avenida», o «Viriato».

Noutras terras o problema está ainda pendente de marcações de Companhias itinerantes. De modo que estamos a ver que temos de entrar em combinação com os Empresários profissionais, a quem não queremos prejudicar.

Só por esta razão ainda não podemos dar hoje notícias definitivas sobre toda a «tour-née» deste ano.

Atenção, pois, às Festas que aí vão anunciadas. E fiquem de pré-aviso os das terras aonde costumamos ou prometemos ir.

PELAS CASAS

DO GAIATO



BELÉM

No dia nove de Fevereiro veio para cá uma Senhora ajudar a nossa Mãe. Passado um dia depois de ela cá estar, fomos para a mata com ela, ao folhado e aos ramos miúdos. Nós então fizemo-nos muito finas e não queríamos trabalhar. Separámo-nos umas das outras e fugimos dela, que era para ela não nos ver paradas. A nossa Mãe foi algumas vezes ao poço e reparou naquilo tudo. No dia seguinte fomos com as da escola e, como a nossa Mãe não nos ralhou nem castigou, fizemos a mesma coisa e ainda pior. As da escola, como eram mais novas, imitaram-nos. Porque nós, para copiarmos o bem, nunca o fazemos mas para fazermos o mal estamos sempre prontas.

Em seguida, a Edite foi com a carroça, para acartarmos o folhado, viu-nos a preguiçar e não trabalhou também. Continuávamos na mesma a fugir e, quando ela nos mandava não lhe obedecíamos. Quando vem para cá alguma pessoa de novo, costumamos experimentar, a ver se podemos deixar de cumprir as obrigações. Na mata a que se portou melhor foi a Dili. Então a Senhora queixou-se à nossa Mãe. No Domingo, de manhã, a nossa Mãe foi falar connosco sobre o caso e disse-nos que íamos ser castigadas. As da escola, de tarde ficaram sem laranjas. As mais velhas ficaram toda a tarde de comungo metidas em casa, a escrever esta crónica sobre o que tinha acontecido. E se até ao jantar não enchêssemos uma página dum papel que nos deu, não jantávamos e íamos sem comer para a cama.

Sãozita

MIRANDA DO CORVO

SEMENTEIRAS — Ao contrário dos outros anos, os do campo com os da escola preparam as terras e os das oficinas ajudam a semear as batatas, o feijão, o milho etc.

Agora o trabalho aperta, exige esforço para que consigamos triunfar com as nossas sementeiras. Os rapazes agarram-se de manhã ao trabalho com unhas e dentes, às vezes está a chover mas eles dizem alegremente: isto passa já, o que interessa é que as terras deixem bons frutos.

FESTAS — Quem não conhece o entusiasmo com que os nossos rapazes aguardam os dias em que diante de milhares de espectadores poderão demonstrar aquilo de que são capazes. Aqui em Miranda, o João e o Carlos Manuel esfolam-se para conseguir que os batatas actuem o melhor que puderem.

* No passado dia 19 realizou-se o baptismo do filho do José Claro. Mais um netinho da Obra, mais um filho de Deus. No fim da cerimónia foi o almoço que correu alegremente em casa dos pais, e lá foram alguns dos mais velhos.

OFICINAS — Com as obras na serrallaria esta oficina ficou quase uma categoria. Agora os carpinteiros que ficaram sem uma parte da sua oficina andam aferrados e também querem uma oficina espaçosa. Eu dou-lhes razão.

Eles disseram-me para eu pedir aos nossos leitores para ajudarem a fazer uma carpintaria nas condições.

Quem nos ajuda?

Fonseca



Cont. da PRIMEIRA página

a preparar ferramentas agrícolas. João engraça janelas de caixilhos. Santarém acabou um portão grande e está agora em mãos com a grade para uma escada. Polícia atarracha parafusos. Capuchinho dá as últimas voltas a uns aros para rodas de carros de bois que não-de hoje ser ferradas. Vilinho vai serrando ferro no torno e vai ajudando os que chamam por ele.

O soldador electrogénio, o esmeril, a rebarbadora e o berbequim estão continuamente a rodar, ora nas mãos dum, ora nas mãos doutro.

É um regalo ver toda esta juventude alegre na multiplicidade destes trabalhos. Vale bem a pena esforçarmo-nos para lhe proporcionar condições.

Ainda há pouco o nosso professor Carlos Manuel, que tem

as contas, me dizia: «as nossas oficinas se tivessem sempre trabalho abundante e de boa qualidade eram uma grande escola para os rapazes». Eu respondi-lhe — «temos muitos amigos, mas a maior parte não tem consciência da nossa vida e não se

preocupa em colaborar connosco».

Ontem partiu uma carrada de obra feita nas duas oficinas para o concelho de Penela e temos em mão mais trabalho para o mesmo concelho. Respondemos há pouco ao orçamento para um móvel para Coimbra. Procuramos executar com perfeição todos os trabalhos em madeira, ferro ou aço.

Com trabalho abundante e de boa qualidade seria mais leve a nossa vida.

Padre Horácio

Aniversário DO JORNAL

Cont. da PRIMEIRA página

do coisas muito sérias entre os homens de boa vontade.

X X X

Este número costuma ir a oito páginas e largamente recheado da Colaboração dos Leitores. Esta, como nota festiva do aniversário, não falta. Como também não ficará faltando pena ao Júlio (encarregado de a escolher), por ter

de deixar de fora tantos sopros de Espírito difundidos pela pena dos nossos Leitores!

Porém, dado que este ano a Páscoa é muito cedo e as nossas Festas também; dado que P.e Acílio e P.e Luiz passaram o mês anterior em África, com a resultante sobrecarga para os que ficaram — eu resisti ao desejo dos nossos homens do jornal que, apesar de tudo, bem queriam não ter faltado à tradição das oito páginas.

Visado pela

Comissão de Censura